

A UTILIZAÇÃO DAS *HASHTAGS* COMO INSTRUMENTO DE DIVERGÊNCIA
AO DISCURSO FEMINISTA

Anna Gabriella ALMEIDA (Mestranda – UFS)

Resumo: O Twitter é uma rede de compartilhamento e troca de ideias, valores e conhecimentos de mundo. Sob a perspectiva teórica da Análise Crítica de Discurso, o artigo busca problematizar o discurso de mulheres que utilizaram a *hashtag* #Feminismonãomerepresenta na rede social em 2018. As categorias de análise utilizadas foram conceituadas por Fairclough, (2003), um percurso histórico do feminismo foi buscado em Costa (2016) e Nye (1995). Além disso, buscamos entender o funcionamento das *hashtags* utilizando conceitos de Paveau (2015) e Zappavigna (2012). A pesquisa foi desenvolvida da seguinte forma: *tweets* foram coletados entre os dias 1º. de janeiro e 21 de novembro de 2018 e então analisados, propomos uma breve discussão sobre os conceitos utilizados e por fim, apontamos as implicações sociais da utilização da *hashtag*. Os resultados apontam que as mulheres que utilizaram a *hashtag* possuem uma visão equivocada ou distorcida sobre mulheres feministas e os valores do movimento.

Palavras-chave: *Twitter*, Análise Crítica de Discurso, *hashtags*, feminismo

Introdução

A utilização de *hashtags* se tornou comum ao longo dos anos através da rede social *Twitter*, um tipo de microblog. Com a popularização do recurso, inclusive utilizado em outras mídias sociais, as necessidades comunicativas transformaram o uso das *hashtags*. Alguns deles são: compartilhar o que você está pensando, falar sobre determinado assunto, demonstrar seus valores e crenças pessoais. Dentre esses usos, o compartilhamento de valores de atores sociais vem sendo intensificado nas redes sociais. Através de discussões nas quais o papel do feminismo foi questionado de forma acalorada na internet surgiu a *hashtag* #feminismonãomerepresenta, demonstrando que as usuárias não se identificam com valores feministas.

Essa *hashtag* tornou-se popular em um momento no qual o discurso conservador volta a ganhar força em diversos países da América Latina¹. Recentemente, países como

1 De acordo com artigo publicado em outubro de 2018 pela Folha de São Paulo, em 2018, pelo menos, cinco países Latino Americanos são governados por partidos de direita conservadora, enquanto, em 2013, apenas o Chile era governado por um partido da direita. <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/10/por-que->

Peru, Argentina, Chile e Brasil passaram a ser governados por partidos com discursos conservadores, defendendo o que chamam de família tradicional e valores religiosos. Isso contribuiu para o fomento de um discurso mais tradicional nas redes sociais e o crescimento de *hashtags* que produzam efeitos de sentido contrários ao feminismo.

O *Twitter* é utilizado por pessoas, com diferentes posicionamentos políticos e sociais, a depender do contexto sócio-histórico no qual estão inseridas. Dessa forma, através da *hashtag* mencionada, mulheres que, aparentemente, não se identificam com o movimento feminista, manifestaram-se contra o movimento, criticando-o negativamente e apresentando valores contrários aos que as usuárias consideram feministas. Conseqüentemente, a problematização desses discursos é a principal motivação para este artigo. Nessa perspectiva, podemos desmistificar valores que, para essas usuárias, são feministas e taxados como negativos

O artigo foi desenvolvido da seguinte forma: primeiramente, apresentamos o aporte teórico, com os conceitos de discurso e das categorias de análise discursiva utilizadas; em seguida, desenvolvemos a análise dos comentários e suas implicações sociais no *Twitter* e, por fim, discutimos algumas conseqüências da utilização das *hashtags* em práticas sociais.

Aporte teórico

Nesta seção apresentaremos os principais conceitos, teorias, categorias de análise utilizadas para a elaboração do presente artigo, são elas: discurso, *hashtags*, movimento feminista.

Discurso

Fairclough (2001) defende que o discurso não é uma atitude individual e sim uma prática social. Dessa forma, o discurso é uma forma de ação sobre o mundo e sobre os outros. Segundo o autor, discurso e estrutura social estão intimamente ligados, pois a estrutura social não só cria as condições para o discurso, como também é modificada a partir

[especialistas-veem-onda-conservadora-na-america-latina-apos-disputa-no-brasil.shtml](#)>

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

dele. O autor também afirma que

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91)

Nessa perspectiva, discursos contribuem para a construção das identidades sociais, desenvolvimento de relações sociais e demonstram crenças e valores de atores sociais. Como o discurso é visto como prática social, ele pode ser realizado por indivíduos, grupos sociais ou instituições. Consequentemente, o discurso em nossa sociedade é instrumento de poder, Dessa forma, é através do discurso que as relações de poder se transformam.

Nessa visão, Van Leeuwen (2008, p. 6) defende que discursos são “formas específicas de entender as práticas sociais, eles podem ser, e são utilizados como recursos de representações de práticas sociais em textos”. Além disso, Brunner e Graefen (*apud* Wodak, 2005, p. 5) propõem que a definição de discurso é “unidades e formas de interação entre usuários, que podem ser parte do comportamento linguístico diário, mas que podem igualmente aparecer numa esfera institucional”. A partir dessas duas definições, também entendemos que, no discurso, encontramos elementos linguístico-discursivos que refletem os nossos valores, crenças e conhecimentos de mundo.

Fairclough (2003, p. 171) distingue três tipos de enunciados avaliativos: enunciados com modalidades deônticas, enunciados com verbos de processos mentais afetivos e enunciados com valores pressupostos. Os enunciados avaliativos se referem aos objetos desejáveis ou indesejáveis do que se representa no discurso. A avaliação pode se dar através de palavras como “bom”, “ruim”, “maravilhoso” ou “péssimo”, tornando a avaliação mais perceptiva, ou através de ideias, como importância e utilidade. Além disso, avaliações também podem ocorrer, de forma sutil, relacionadas ao contexto discursivo. A afirmação “ela é feminista” pode configurar um enunciado avaliativo, dependendo do discurso no qual ela se encontra inserida.

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

Entre os enunciados avaliativos, estão os enunciados de modalidade deôntica, ou seja, enunciados que refletem condutas obrigatórias, desejáveis ou necessárias (FAIRCLOUGH, 2003). No enunciado “mulheres deveriam ser mais femininas”, a modalidade deôntica apresenta uma característica necessária entre mulheres, formando assim um enunciado avaliativo. Além disso, enunciados com processos mentais afetivos também configuram um tipo de enunciado avaliativo, sendo chamados de avaliações afetivas. Nesse caso, o enunciado “[mulher] feminista é falsa” apresenta uma avaliação afetiva das mulheres relacionadas ao movimento.

Fairclough (2003, p. 173) também define valores pressupostos como uma forma de avaliação. Ao contrário das avaliações previamente discutidas, *assumed values* não performam avaliação a partir de marcadores de avaliação explícitos, mas sim incorporados no texto. Sendo assim, a avaliação está incorporada ao que é tomado como conhecimento compartilhado por todos os atores sociais envolvidos na prática discursiva (FAIRCLOUGH, 2003, p. 55).

Noção de hashtags

Zappavigna (2012) propõe que *hashtags* designam uma palavra-chave ou uma expressão para um *tweet* no qual o usuário faz referência a um tema específico. A utilização do recurso permite que outros usuários busquem o assunto tratado para saber o que outros atores sociais estão buscando na rede social. A autora completa que o uso das *hashtags* desenvolve o conceito de heteroglossia, proposto por Bakhtin (2008), no sentido de que existe uma comunidade virtual que pode, ou não, compartilhar dos mesmos valores e crenças buscados na *tag*.

A utilização das *hashtags* também demonstra outra perspectiva do uso da internet. Zappavigna (2012, p. 91) aponta que elas podem ser utilizadas para compor enunciados avaliativos, sendo eles reconhecidos, como positivos ou negativos, avaliados de acordo com os valores e crenças que os atores sociais possuem. É o que a *hashtag* coletada para esse trabalho representa, quando as usuárias do *Twitter* utilizam a *hashtag*

#feminismonãomerepresenta elas estão demonstrando que não compartilham dos valores feministas. Ozdikiş et al. (apud Paveau, 2015) demonstram que a *hashtag* também precisa ser analisada através do contexto do *tweet* produzido, ou seja, os elementos linguísticos que contém o texto também são passíveis de análise com o intuito de entender o porquê de a *hashtag* estar sendo utilizada por aquele usuário. Além disso, os autores propõem que o contexto sócio-histórico no qual a produção textual está inserida também precisa ser observado para que exista uma compreensão acerca do que está sendo discutido.

Nessa perspectiva, nós observamos as implicações da *tag* #feminismonãomerepresenta. Em todos os comentários, as usuárias utilizaram a *hashtag* com o intuito de demonstrar que discordam dos valores feministas e apresentam seus argumentos de acordo com os valores que elas entendem como verdadeiros. A utilização dessa ferramenta demonstra o quanto atores sociais influenciam e são influenciados nas redes sociais. Além disso, o uso das *hashtags* pode ser considerada uma prática social, na qual os usuários compartilham seus valores e crenças. Os *tweets* estarão exemplificados na seção “Análise dos comentários”.

Um breve histórico sobre o movimento feminista

Apesar de existirem resistências femininas desde a antiguidade ocidental, o movimento feminista se consolidou apenas no final do século 19 e início do século 20 e foi desenvolvido através de ondas. Até agora, estudiosos defendem 3 principais ondas, sendo que cada uma foca em questionamentos e lutas por direitos diferentes, de acordo com as necessidades de cada época. Além disso, o movimento feminista depende de quem o faz, ou seja, através de crenças e valores diferentes do círculo social, existem questionamentos e lutas distintas.

A primeira onda do feminismo, vista de uma forma mais liberal, defendia que os direitos seriam adquiridos pelas mulheres através do voto, como aponta Nye (1995, p. 19). Nessa perspectiva, a luta pelo sufrágio foi o principal foco dessa onda. As feministas acreditavam que a aquisição do voto seria a forma mais prática e direta de conseguir os

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

direitos que desejavam. Mesmo que estivessem inseridas no mercado de trabalho, não possuíam os mesmos benefícios que os homens e tinham desvantagens na vida social e política, como demonstrado por Nye (1995, p. 24), tais como: a falta de acesso à educação, trabalhavam em locais que não eram propícios, não tinham direito à propriedade privada, dentre outros exemplos.

Costa (2016) demonstra que o descaso em relação aos direitos femininos influenciou filósofas a desenvolverem teorias que defendiam o voto como principal via de acesso para atingirem seus objetivos de se incluírem nas questões sociais, políticas e trabalhistas da esfera pública.

Diferente da primeira onda feminista, a segunda volta-se a um movimento mais amplo quanto a aquisição de direitos femininos. Em um cenário após a Segunda Guerra Mundial, o feminismo se expande através dos movimentos hippie, estudantil e dos trabalhadores, como aponta Galleti (2014, p. 2200). Ainda que o movimento se voltasse para a luta dos direitos femininos, as reivindicações da segunda onda são voltadas para os direitos do corpo da mulher e, conseqüentemente, sua sexualidade e questões reprodutivas, apontando que, para o movimento, existiam tabus sobre os comportamentos femininos que necessitavam ser rompidos, tais como: a liberdade sexual, o direito de escolher ser mãe, dentre outros.

Além dessas reivindicações, questionamentos sobre diferenças de gênero, sexo e papel social são pautas discutidas pelas feministas, como demonstra Bittencourt (2015, p. 198). Dessa forma, as lutas da segunda onda voltam-se não apenas para a aquisição de direitos através do sufrágio, e sim para a problematização e quebra de paradigmas sociais patriarcais, como: discussão sobre feminilidade, o auto reconhecimento como mulher, entre outros.

Na terceira onda feminista, o foco se volta para uma inclusão mais social: trabalhadoras, negras, lésbicas. Nessa perspectiva, o movimento reconhece que foi exclusivo em relação a algumas camadas femininas da sociedade, e propõe o entendimento de que as mulheres são diferentes e possuem vivências diversas, como aponta Siqueira

(2015, p. 337-338). Dessa forma, na luta “há enfoque na subjetividade da mulher, reconhecendo as interseções entre marcadores de opressão, e discutindo-se como essas combinações específicas se refletem no próprio ser-mulher” (CAETANO, 2017, p. 7). Ou seja, existe uma reorganização dentro do movimento com o intuito de tornar-se mais abrangente e também há a compreensão de que existem questões de gênero, culturais, sexuais, sociais e raciais a serem discutidas. A partir desse entendimento do que é o feminismo, vamos desenvolver a análise do corpus selecionado, tentando entender qual a visão que mulheres que não se identificam com o movimento possuem dele.

Processos metodológicos

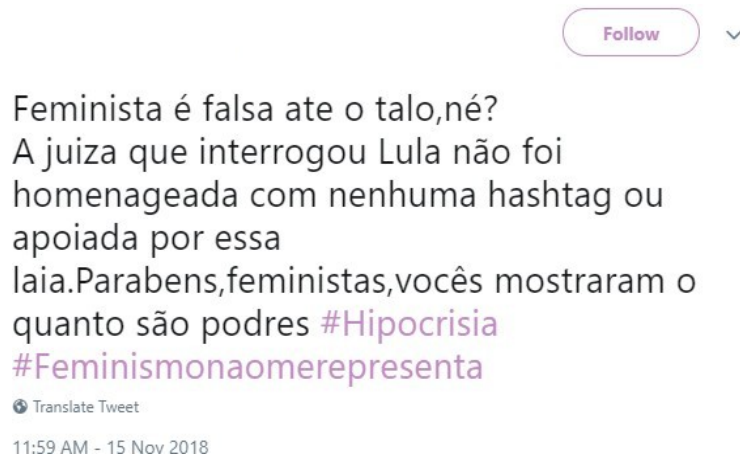
Na presente seção, discorreremos sobre os processos metodológicos utilizados para a coleta de dados. Na perspectiva da Análise Crítica de Discurso de linha faircloughiana, pretendemos problematizar e analisar qualitativamente a utilização da *hashtag* #feminismonãomerepresenta, difundida por algumas usuárias do *Twitter*. O *corpus* foi coletado ao longo de 2018, entre as datas de 01 de janeiro de 2018 e 21 de novembro de 2018, através do recurso disponibilizado pela rede social, chamado “busca avançada”, no qual se colocam as datas e também as *hashtags* que são buscadas pelos usuários. Foram coletados 10 *tweets* dentro desse período, nos quais serão analisados os tipos de enunciados avaliativos presentes nos *tweets*, o porquê de se relacionarem com a *hashtag* utilizada pelas usuárias. Observaremos também se o que as usuárias propõem sobre o que é feminismo se relaciona com o movimento e valores feministas, categorizando os tipos de enunciados e modalidades produzidas.

Análise dos comentários

Nessa seção apresentaremos a discussão sobre os comentários coletados seguindo as categorias de análise (modalidades, valores pressupostos e processos mentais afetivos) apresentadas anteriormente na seção “Aportes teóricos” e que foram encontradas nos comentários.

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

Ex. 1:



Fonte: *Twitter*

O primeiro *tweet* apresenta um exemplo de enunciado avaliativo através de processos mentais afetivos, utilizando de palavras como “falsa”, “podre”, “laia” para avaliar afetivamente mulheres que participam do movimento feminista. No mesmo *tweet*, porém, há também um exemplo de enunciado de modalidade deôntica. Quando a autora afirma que “a juíza que interrogou Lula não foi homenageada com nenhuma *hashtag* ou apoiada por essa laia”, ela afirma que essa deveria ser uma atitude tomada, mostrando que seria desejável a criação de uma *hashtag* ou mobilização para a juíza. Além disso, a utilização da *hashtag* #hipocrisia demonstra que a usuária avalia toda essa situação como uma falsa postura das feministas em não parabenizar a juíza, que, nessa perspectiva, seria considerada uma mulher forte. Em todo o *tweet*, observamos os valores negativos que são atribuídos às feministas, os quais demonstram que a interlocutora pensa que as feministas defendem mulheres, não importa quais sejam suas crenças, quando, na verdade, o movimento feminista defende a equidade de gênero.

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

Ex. 2:

Seguir

Ser submissa a um BOM homem não é vergonha nem sinal de fraqueza. É sinal de que você é forte e inteligente o suficiente pra saber escolher alguém pra amar. É ser agraciada por ter em quem confiar o resto de seus dias e dedicar a alguém sua confiança.

[#feminismonaomerepresenta](#)

20:10 - 22 de out de 2018

Fonte: *Twitter*

O segundo *tweet* contém enunciado com avaliação afetiva ao dizer que “ser submissa a um BOM homem não é vergonha nem sinal de fraqueza”, por exemplo. Ao afirmar isso, a autora implica que esse traço é desejável e até mesmo necessário para ser uma mulher “forte e inteligente” no que se refere aos seus relacionamentos. A usuária do *Twitter* parte do princípio defendido pela igreja, especialmente a igreja evangélica, em um momento no qual o discurso religioso e conservador cresce no Brasil. Todo o enunciado implica que, para a interlocutora, não existe problema em ser submissa ao que ela considera um bom homem. Nessa perspectiva, existe uma crença, para a usuária, de que o feminismo defende a não submissão das mulheres, o que concorda com pautas do movimento. No entanto, existe uma leitura equivocada sobre essa questão: o fato de a mulher ter discernimento para escolher alguém para amar, já se configura como um dos pontos de defesa no feminismo: conceder à mulher o poder de escolha. Além disso, a defesa da submissão feminina é um ponto problemático, visto que o poder masculino perpassa por vários tipos de violência. Dessa forma, existe um contraponto nos argumentos da usuária: primeiro ela defende a submissão feminina, afirmando que essa atitude pode ser tomada por uma mulher forte. Depois, ela comenta sobre a força da mulher e seu poder de escolha. Tudo isso implica para a interlocutora que, mesmo existindo o reconhecimento de

mulheres fortes, elas devem ser submissas ao homem e sujeitar-se às vontades masculinas, tais como: manter-se sempre arrumada, ser dona de casa, etc.

Ex. 3:



Fonte: *Twitter*

Esse *tweet* utiliza de modalidade deôntica para se opor ao feminismo. A autora faz um paralelo entre duas datas comemorativas, dia das mulheres e o dia das crianças, para desejar um feliz dia das mulheres para as “mulheres de verdade” - discurso esse permeado pelas ideias socialmente opostas ao feminismo - e diferenciar as mulheres que fazem parte do movimento feminista, classificando-as como crianças. Todo o enunciado minimiza a luta feminina por direitos. Para a usuária, o movimento feminista não possui valores válidos para serem considerados sérios e adultos.

No nosso corpus, foram encontrados 4 exemplos de *tweets* como processos mentais afetivos, 3 possuindo avaliação de modalidade deôntica e 3 de valores pressupostos. Essas categorias de análise demonstram que a utilização de certas estruturas linguístico-discursivas refletem os valores de atores sociais nos comentários. Além disso, todos os *tweets* tentam deslegitimar a luta feminista através de comentários negativo acerca do que as usuárias imaginam e avaliam como feminismo, sem considerar as diversas pautas que o movimento teve durante as diferentes ondas do feminismo. Entretanto, a forma como identificam o movimento está equivocada, visto que as lutas das mulheres busca atingir direitos iguais entre homens e mulheres. As leituras que as usuárias fazem são de que o

movimento prega inversão de valores entre mulheres, o que não se configura como luta do feminismo; falta de feminilidade, o que também é um equívoco, pois o movimento prega o poder de escolha das mulheres; não consideram as pautas feministas importantes o suficientes para serem consideradas adultas e sérias, quando, na verdade, existem pautas sobre estupro, relacionamentos abusivos, violência doméstica, assuntos que exigem uma seriedade e maturidade para serem amplamente discutidos. Em suma, as usuárias, por desconhecimento ou uma leitura equivocada das pautas feministas, reproduzem comentários negativos invalidando as lutas do movimento.

Considerações finais

Com o avanço da internet, e suas respectivas redes e mídias sociais, os atores sociais se sentem confortáveis para manifestar e criticar diferentes posicionamentos. Uma das principais plataformas para a disseminação desses diferentes posicionamentos é o *Twitter*, que permite a conexão e troca de ideias entre pessoas de diferentes lugares do mundo, especialmente com os usos das *hashtags*, marcadores de comentários feitos a partir de tal plataforma.

Os *tweets* coletados e analisados nesta pesquisa mostram que a compreensão do movimento feminista pelas mulheres que fortalecem a *hashtag* #feminismonãomepresenta é, em geral, equivocada ou carregada de um julgamento negativo das mulheres que fazem parte do movimento feminista. Nos comentários coletados, é possível observar um discurso que minimiza e deprecia as mulheres que compõem o movimento, além de deslegitimar o movimento em si. Leituras possíveis para o futuro poderiam voltar-se para os dados da seguinte maneira: formas de nomeação e categorização das feministas e também a as formas de identificação de si e do outro.

Também é possível observar, através das análises, o funcionamento das *hashtags* como prática social inserida em uma determinada ideologia, reforçando valores e questões políticas e sociais a partir de seu uso. É necessária a problematização de tais *hashtags*, fomentando discussões sobre relações de poder e visando a mudança social através do

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

discurso.

Referências

BEDIN, G. A; CITTADINO, G. G; ARAÚJO, F. D. *Poder, cidadania e desenvolvimento no estado democrático de direito*. Florianópolis: Compedi, 2015. Disponível em: <<https://www.conpedi.org.br/publicacoes/66fsl345/w8299187/ARu8H4M8AmpZnw1Z.pdf>> Acesso em: 03 de dezembro de 018

BITTENCOURT, N.A. Movimentos Feministas. *Revista Insurgência*, Brasília, v. 1, n. 1, jan/jun. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/viewFile/16758/11894>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

COSTA, I.I.M. *Processo de subjetivação do/no corpolingüagem no movimento da marcha das vadias, o sistema da ideologia*. Tese (mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse textual analysis for social research*. Taylor e Francis e-Library, 2004

_____, N. *Discurso e mudança social*. Izabel Magalhães, coordenadora da tradução, revisão teórica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GALETTI, C. C. H. Feminismo em movimento: a marcha das vadias e o movimento feminista contemporâneo. 18° REDOR. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife 24-27, nov. 2014.

VAN LEEUWEN, T. *Discourse and Practice, new tools for critical discourse analysis*. New York, Oxford University Press, 2008.

MATOS, M. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global? *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 67-92, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/06.pdf>> Acesso em: 22 nov. 2018.

NYE, A. *Teoria Feminista e as Filosofias do Homem*. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1995.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, Jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>>. Acesso em: 1 dez. 2018.

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

REISIGL, M; WODAK, R. *Discourse and Discrimination, Rhetorics of racism and antisemitism*. Taylor e Francis e-Library, 2015.

Realização



Apoio

